

TRADIÇÃO E TRADUÇÃO CLÁSSICA NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Christina Ramalho
(Universidade Federal de Sergipe)

FERNÁNDEZ, Claudia N. & MAQUIEIRA, Helena. (Ed.). *Tradición y traducción clásicas en América Latina*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata/Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2012.

Fruto de um ano e meio de investigações do sólido grupo de pesquisadores envolvidos no projeto “*Tradición y traducción clásicas en América Latina*” iniciado em 2009, com apoio da Universidad Autónoma de Madrid e do Banco Santander, o livro de mesmo título, editado por Claudia N. Fernández e Helena Maquieira, oferece a interessados no tema importante repertório de reflexões sobre a presença da tradição clássica no contexto latino-americano, seja por meio de análises de traduções latino-americanas de textos clássicos, seja pelo reconhecimento de tendências puristas, adaptadoras e irreverentes de se referenciar essa tradição na literatura.

Dividido em duas partes, o livro reúne nomes da Universidad Autónoma de Madrid (UAM), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidad de La Habana (UH), Universidad Nacional de La Plata (UNLP) e Universidad Nacional del Sur (UNS). Conforme se nota na apresentação “Autores” (p.433-439), é visível, na trajetória acadêmica de cada um/a, o intenso envolvimento com a cultura clássica e suas reverberações pelo mundo. O foco especial dado a essa presença no contexto latino-americano é de crucial importância para um dimensionamento eficaz da diversidade que a caracteriza.

A primeira parte, “Tradición clásica”, com nove capítulos, inicia-se com “*Parodiar la tradición clásica: De Dioses, hombrecitos y policías de Humberto Constantini*”, de Claudia N. Fernández (UNLP/

CONICET), que trata de premiada novela do escritor argentino. Após abordar o contexto biográfico e político, Fernández caracteriza a obra, partindo das categorias “*dioses*”, “*hombrecitos*” e “*policias*”, que definem a estrutura textual, uma vez que sua polifonia está relacionada às vozes desses “*hombrecitos*”, “*dioses*” e “*policias*”. Ao se referir à vida dos deuses do Olimpo, Constantini realiza, segundo Fernández, uma “paródia épica”, que envolve linguagem e conteúdo, e provoca no leitor, pelo tom satírico e irônico, uma cumplicidade com o narrador. Experimentalista, Constantini põe em cena a dura realidade da ditadura militar argentina.

Em “*El mundo clásico en la obra de Guilherme Figueiredo*”, Mimy Flores Santamaría e María Eugénia Rodríguez Blanco (UAM) expõem aspectos biobibliográficos do dramaturgo brasileiro e analisam *Um Deus dormiu lá em casa* e *A raposa e as uvas*, tomando como parâmetros as fontes; a temática e a estrutura; e as personagens e tipos. As autoras apontam o diálogo de *Um Deus dormiu lá em casa* com *Amphitruo*, de Plauto, e destacam-lhes diferenças e semelhanças, considerando que Figueiredo, apesar de fazer uso da obra de Plauto, teve como meta maior refletir sobre os problemas sociais brasileiros. Em *A raposa e as uvas*, verifica-se o diálogo com a novela anônima *Vita Aesopi*, cujo protagonista é Esopo. O principal aspecto da criação de Figueiredo é o distanciamento do caráter biográfico da novela em prol da valorização da experiência humana em situações universais.

Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ), em “Orfismo na literatura brasileira: do século XX à primeira década do XXI”, realiza original passeio pela presença órfica na literatura brasileira. Partindo do conceito de “imaginário órfico” (p. 65), Nuñez toma como parâmetros teóricos reflexões de Lévi-Strauss e de Vianna Moog e analisa os núcleos episódicos do mito órfico e sua importância para a compreensão da presença desse imaginário no Brasil. Em “Fatores de articulação transcultural” (p.69), Nuñez elenca elementos articulatórios, como a *tékhne mousiké* e o caráter misterioso, e suas correspondências na mítica grega e na cultura brasileira. A autora destaca também a simbologia do carnaval e sua relação com o orfismo. Após citar algumas obras brasileiras nas quais o imaginário órfico está presente e apresentar um quadro sinótico em que categoriza as obras por gênero, Nuñez passa à observação mais detalhada de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima; da poesia de Murilo Mendes; e da produção dramaturgicamente brasileira que enfoca o mito órfico.

“*Bioy Casares en clave clásica. Presencia de la tradición greco-latina en tres cuentos de Adolfo Bioy Casares*”, de Lía M. Galán (UNLP), contempla a presença clássica nos contos do argentino Casares. Debruçando-se em “*La trama celeste*” (1948), “*Homenaje a Francisco Almeyra*” (1954) e “*Ovidio*” (1997), que, segundo Galán, definem três momentos da produção de Casares, a autora dimensiona aspectos como as técnicas narrativas; as referências dos contos, respectivamente, às guerras Púnicas, à *Eneida* e à poesia de Ovídio; e a presença do extraordinário como forma de o autor romper com “*las estéticas del realismo y del naturalismo*” (p.97).

Carmen Gallardo Mediavilla (UAM), em “*La poesía en México y Centroamérica: entre Eros, Lumen, Numen y Tántalos, Césares o Acteones*”, tece considerações sobre a produção lírica mexicana e centro-americana do século XIX, batizada como “*Poesía de la Independencia*” (p.119). Nomes como o do venezuelano Andrés Bello e do colombiano José Silva ilustram o panorama dos aspectos que originam o caráter independente da produção. Após esse registro, Mediavilla destaca a presença de uma herança clássica com vocação para a ruptura, reconhecendo em títulos latinos de poemas um registro dessa presença, confirmada pela análise de títulos de poemas de González Martínez, Manuel José Othón, Gutiérrez Nájera e Darío Herrera. A autora analisa, ainda, o poema “*Sursum*” de Díaz Mirón, que revisita os mitos de Sísifo, Ácteon e Tântalo, e reflete sobre a presença da imagem mítica dos césares na poesia de Justo Facio, Juan de Dios Peza e Juan Batres Montufar.

“*Huellas clásicas en el teatro argentino AntígonaS: linaje de hembras de Jorge Huertas*”, de Lidia Gambon (UNS), centra-se nas representações clássicas presentes na dramaturgia argentina. Após tecer considerações gerais sobre essa presença, a autora destaca facetas do mito de Antígona, discriminando o que ela chama de “Antígonas argentinas”, para, então, passar à obra *AntígonaS: linaje de hembras de Jorge Huertas*. Caracterizando a versatilidade do dramaturgo, Gambon discorre sobre o modo como Huertas “*instala así la tragedia de Antígona en el escenario que es el corazón mismo de la Patria*” (p.150).

“*Influencia clásica en la formación de la cultura cubana. El diálogo en el Papel Periódico de la Havana*”, de Alina Gutiérrez Grova (UH), trata do primeiro órgão de imprensa cubano. Centrado nas tipologias textuais argumentativas, o artigo aborda o diálogo: “*en el*

Papel Periódico de la Havana"; "de personajes simétricos insolidarios"; e "de personajes simétricos solidários", sustentando as abordagens no fato de que o periódico "empleara tipologias textuales constituídas, con repertórios estructurales y estilísticos asentados en tradiciones de larga historia" (p.163).

Pablo Martínez Astorino (UNLP/CONICET), em "*La tradición grecorromana en los primeros libros de poemas de Silvina Ocampo*", comenta que, na primeira fase, a poesia da argentina Ocampo tem diversas marcas da tradição lírica clássica, tais como "*una métrica definida*" ou "*el molde clásico del soneto, de las cuartetas o las octavas*" (p.183). Mais que essas marcas estéticas, contudo, Astorino aborda os aspectos: "*Alusiones o referencias al mito griego*", "*Poemas con referencias a obras o géneros literários grecorromanos*", "*Poemas con alusiones a personajes (políticos, escritores) romanos o griegos reales o ficticios*" e "*Proyección del motivo de las metamorfoses y de la trasmigración de las almas*", sempre realçando a valorização do tema amoroso na obra de Ocampo.

O último capítulo da primeira parte, "O mundo antigo na cadência de Bandeira: um ritmo dissoluto", de Manuela Ribeiro Barbosa e Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG), enfoca três poemas do livro *Ritmo dissoluto* e outros de *Libertinagem* e *Estrela da manhã*. Entre outros aspectos, as autoras analisam o teor trágico de "O cacto" e de "Tragédia brasileira" e o valor estratégico do "fôlego curto" de Bandeira "no que tange aos clássicos" (p.221).

Na segunda parte, "*Traducción clásica*", com seis capítulos, a tradutora cubana Laura Mestre recebe destaque. Em "*Un poeta griego del siglo V a.n.e. traducido por una cubana del siglo XX*", de Mariana Fernández Campos (UH), encontramos informações sobre a vida e a obra da tradutora. O foco principal, contudo, está no modo como Mestre se dedicou à tradução do complexo, porque de elaboração estética requintada, legado lírico de Píndaro. Segundo Campos, as traduções de Mestre utilizam os recursos da omissão, da transformação, da adição e da substituição. Campos destaca a síntese com uma das marcas do estilo de Mestre como tradutora do grego para o espanhol.

Elina Miranda Cancela (UH), em "*Laura Mestre y su traducción de la Iliada*", contempla as possíveis influências sofridas por Mestre, entre elas a publicação, em 1908, da tradução realizada por Segalá. Entre outros aspectos, que incluem breve passagem pelas traduções de Homero em língua espanhola existentes na época de Mestre, Cancela

explica que o desejo da tradutora, com sua linguagem simples, clara e elegante, era proporcionar aos leitores uma inteligência rápida, o que a levou, por exemplo, a adotar os nomes romanos dos deuses gregos.

Em “*Laura Mestre, traductora inédita de la Odisea*”, Juan Manuel Tabiό (UH) reflete sobre o tratamento que Mestre deu a *Odisseia*. Tabiό discorre teoricamente sobre a tradução como atividade, citando Martínez García e os estudos que este realizou sobre as traduções de Mariano Esparza, Antonio de Gironella, Ricardo Canales e Carlos Baráibar. Esse recorte tem como função sustentar considerações sobre a tradução de Mestre, definida, pela ótica de Tabiό, por sua “posición paradójica” (p. 339). O pesquisador também compara o trabalho de Mestre com *Odisseia* ao de Luis Segalá.

Helena Maquieira (UAM), em “*La traducción de las partículas en las traducciones de la Iliada de Lugones, Mestre e Bonifaz*”, compara os trabalhos de Mestre, Lugones e Bonifaz, destacando um aspecto específico do processo de tradução: a atenção dada a partículas dos primeiros quatro cantos de *Ilíada*. Maquieira tece considerações sobre especificidades que distinguem as traduções enfocadas, lembrando que Mestre e Bonifaz optaram pela prosa, enquanto Lugones fez uso de versos alexandrinos. A autora discorre também sobre as partículas, seus níveis de complementação, suas funções no nível do discurso, as causas gerais de tradução ou da ausência de tradução desses elementos e os níveis em que funcionam os elementos selecionados.

Rosario López Gregoris (UAM), em “*La traducción de Andrés Bello de la comedia Rudens de Plauto*”, aborda aspectos biobibliográficos do tradutor venezuelano Andrés Bello e explicita como se deu o envolvimento do autor com a tradução de textos latinos. Sobre *Rudens*, Gregoris destaca particularidades da obra original, tratada como “insólita” no conjunto da produção plautina, pelo “tom”, situações e usos linguísticos presentes. No que se refere à tradução de Bello, a autora dimensiona aspectos gerais e recursos de conteúdo e estilo. Citando trechos da tradução, Gregoris considera, entre outros, que “*el traductor rebajó la tensión dramática y buscó el comedimento cómico*” (p. 271).

O último artigo do livro é o extenso “*Las traducciones de Homero en América Latina*”/As traduções de Homero na América Latina”, de Emilio Crespo e Jorge Piqué (UAM). O artigo tem redação em espanhol até o item 3, e, a partir do item 4, segue em português. Os três primeiros itens referem-se a traduções de Homero em espanhol e

abordam diversos tradutores, entre os quais: José Gómez Hermosilla, Mariano Esparza, Guillermo Jüneman, Laura Mestre, Leopoldo Lugones e Ruben Bonifaz. O item 4 contempla as traduções homéricas em língua portuguesa, fazendo um histórico da tradução em Portugal. Em seguida, destaca as contribuições de tradutores brasileiros, entre os quais: Odorico Mendes, Haroldo de Campos e André Malta Campos. O texto conclui apresentando os “desafios” que a tradução de Homero ainda apresenta.

Obra de referência, esse livro ratifica a contribuição que podem oferecer as pesquisas interinstitucionais.